

cartilha produzida por estudantes do Infes/UFF

DIVERSIDADE E POVOS ORIGINÁRIOS

Sônia Guajajara



LAPÉH
LABORATÓRIO DE
PESQUISA E ENSINO DE
HISTÓRIA



infes
Instituto do Noroeste
Fluminense de
Educação Superior

Esta cartilha foi produzida durante a disciplina de **História e Cultura dos Povos Indígenas I (2021.1)** do curso de Educação do Campo do Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior - Universidade Federal Fluminense (INFES-UFF).

estudante

- Paulo Vitor Melo França

supervisão

- Paula Arantes B. B. Habib

coordenação

- Fabio A. G. Oliveira
- Paula Arantes B. B. Habib

bibliografia

<https://www.instagram.com/guajajarasonia/>

<https://www.brasildefato.com.br/2020/06/09/povos-indigenas-vivem-momento-traumatico-afirma-sonia-guajajara>

<https://midianinja.org/author/soniaguajajara/>

<https://terrasindigenas.org.br/en/noticia/16>

<https://www.escolhas.org/entrevista-do-mes-sonia-guajajara-desrespeito-aos-direitos-indigenas-ameaca-investimentos-no-brasil/>

<https://campanhademulher.org/sonia.guajajar>

<https://www.poder360.com.br/justica/apib-pede-anulacao-de-inquerito-aberto-pela-funai-contrasonia-guajajara/>

arte: Denis Duarte

Sônia Bone de Souza Silva Santos, mais conhecida como **Sônia Guajajara**, da etnia Guajajara/Tenetehara, nasceu no dia 6 de março de 1974, nas terras indígenas Araribóia, no Maranhão. **Ela já acreditava que através da educação transformaria sua vida e o mundo.** Filha de pais analfabetos, estar na escola parecia impossível. Dos 10 aos 14 anos, Sônia cursou o Ensino Fundamental, e para conseguir estudar, trabalhou como empregada doméstica e babá em casa de família.



Durante sua adolescência, Sônia recebeu um convite da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) para continuar seus estudos e cursar o Ensino Médio, na cidade mineira de Esmeraldas. Assim, em 16 de março de 1989, realizando um sonho, seguiu para a Fundação Caio Martins, em Minas Gerais.

Durante esses anos de estudo, Sônia iniciou-se nos movimentos sociais através do grêmio estudantil da Fundação. Ela usou essa oportunidade para envolver seus colegas, mostrar e debater a realidade do seu povo, contar uma história que a história não conta e desmistificar o

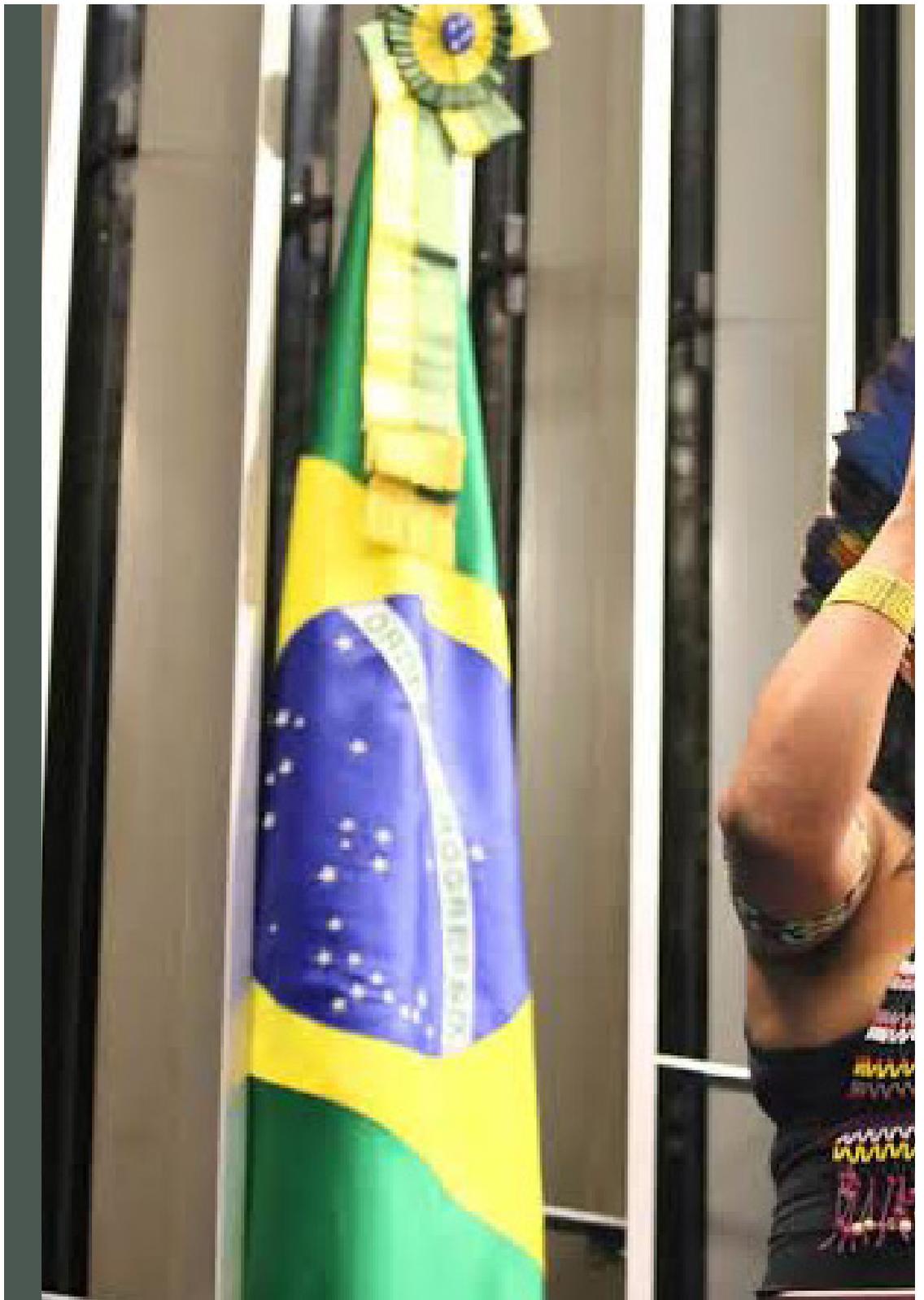
indígena “europeizante”, como é contado nos livros de História.

Em 1992, Sônia retornou às suas terras e começou a trabalhar com um projeto de Monitoria de Educação e Saúde nas aldeias. Ao mesmo tempo, em um povoado vizinho, trabalhava como professora municipal.

Com o intuito de fazer um curso de auxiliar em Enfermagem, Sônia retornou a Minas Gerais, em 1995. Para sobreviver e pagar seus estudos, trabalhou como professora em escolas públicas e particulares.

Sônia nunca deixou de lutar pelo seu povo e enquanto estudava, encontrou tempo de ir a Brasília para reivindicar melhorias nas condições de vida e lutar pelos direitos dos povos indígenas.

Em 2000, Sônia alcançou o que mais almejou em sua vida, a aprovação no vestibular para Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Hoje é graduada em Letras, pós-graduada em Educação Especial e mestra em Cultura e Sociedade.





Uma história de resistência

Considerada uma das maiores lideranças ambientais do país, Sônia luta bravamente contra uma série de projetos que retiram direitos de sobrevivência, crenças e culturas de seus parentes e colocam em risco o meio ambiente. Seu nome ganhou força internacionalmente pela árdua luta em nome dos direitos dos povos originários. Ela tem voz no Conselho de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU), levou denúncias às Conferências Mundiais do Clima (COP) e ao

Parlamento Europeu. Já em Nova York, fez parte da coordenação da Primeira Conferência de Políticas Públicas Indigenistas. York, fez parte da coordenação da Primeira Conferência de Políticas Públicas Indigenistas.

Sônia ocupou lugares importantíssimos na luta em favor dos povos indígenas. Em 2003 foi eleita secretária executiva da Coordenação das Organizações e Articulações dos Povos Indígenas do Maranhão (COAPI-MA), e, em 2007, eleita para o cargo de diretora. Em 2009 elegeu-se vice coordenadora das

Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB).

Esse momento foi uma grande reviravolta, pois os homens daquele plenário já tinham resolvido que o cargo de Sônia seria de secretária e, **contrariando todo o machismo e com o apoio das mulheres, ela se lançou como vice coordenadora e venceu.** Em 2012 coordenou o Acampamento Terra Livre na Cúpula dos Povos, contrapondo o evento mundial da Rio +20 (Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável).

Logo, se tornou Coordenadora Executiva da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) e foi reconhecida entre as 100 personalidades mais influentes na América Latina.



Membro do setor Ecosocialista do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) desde 2011, Sônia Guajajara foi a primeira mulher de uma etnia indígena na História do Brasil a lançar-se candidata à vice-presidência da República. Sônia é gigante, defende o protagonismo e a presença feminina em movimentos indígenas e suas pautas são muito marcantes. Ela luta para que os direitos básicos como saúde e educação cheguem a seus povos. Ela luta para manter seus territórios e florestas de pé, assim como toda fauna e flora que habitam ali.

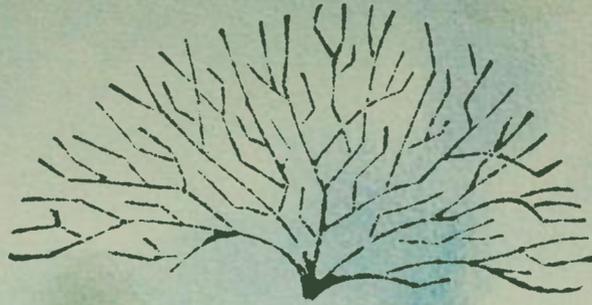
Sônia acredita que as mulheres unidas podem alcançar a transformação política, social e ambiental. Ela resiste para que outras parentas possam resistir. Sônia entende que o melhor lugar é no chão e com os pés descalços, pois ela consegue construir, dialogar e ter uma escuta sensível. Para ela não se resume a chegar, mas também construir caminhos para que outras cheguem. Para além de tudo, ela resiste por uma conquista coletiva e para que seu legado seja lembrado pelas próximas gerações.

"...nas
conquista não
queremos
chegar sozinha
queremos
chegar juntas,
que junto com
nós possam
vim muitas." (sic)

Sônia Guajajara







LEA

Laboratório de Ética Ambiental e Animal

